



Por Francisco Gaetani e Virgílio Almeida

Francisco Gaetani é professor da Ebape-FGV e Virgílio Almeida é professor associado ao Berkman Klein Center da Universidade de Harvard

A vida pós-pandemia

O interesse público e a solidariedade são valores que deveriam fazer parte da revolução digital

17/06/2020 05h00 · Atualizado há uma hora

Os novos sinais dos tempos se encontram cada vez mais visíveis. Estamos entrando numa fase pós-pandemia, onde protocolos, padrões e algoritmos - cada vez mais interconectados - serão parte do dia-a-dia das pessoas, empresas e governos. A pergunta que precisa ser respondida é: quais os impactos sociais e econômicos dessas novas realidades sobre nossos cotidianos?

A pandemia global decorrente da eclosão do coronavírus acelerou algumas tendências, desacelerou outras e iniciou algumas novas. A transformação digital ganhou uma importância extraordinária. O setor cresce a taxas de dois dígitos em um momento em que o PIB regride gravemente. A motivação para o novo impulso é óbvia: a pressa em “despresencializar” tudo que for possível e de fomentar a chamada “low touch economy”, que minimize o toque e o contato físico das pessoas entre si e com objetos que possam transmitir o vírus.

ADVERTISING



O desafio maior é alinhar avanço tecnológico ao combate às desigualdades sociais e problemas urbanos

A economia da aglomeração desabou. Os shows foram suspensos. Os cinemas ficaram vazios. Os restaurantes fecharam ou mudaram para a modalidade delivery. Os megaeventos foram suspensos ou transformaram-se em webinars. O mundo dos esportes, em especial o futebol, fez um intervalo e pediu tempo para ser repensado. As coisas mudaram, mas não sabemos ainda qual será seu novo modus operandi.

A preocupação com a vida e com a saúde das pessoas tornou-se a prioridade de todos. A partir de agora temos protocolos para tudo, não apenas em salas cirúrgicas. Do elevador do prédio às compras no supermercado, passando pelas saudações entre nós, temos novos comportamentos a observar. A vida foi manualizada em nosso próprio benefício, algo difícil de assimilar mas claramente compreensível do ponto de vista da sobrevivência diária. Vários países estão definindo protocolos e sistemas de segurança sanitária para a restauração segura e gradual de viagens de negócios e turismo. Nos aeroportos, na imigração e nos hotéis serão reduzidas as trocas de documentos de viagem e o contato entre superfícies, para minimizar riscos de infecção para viajantes e funcionários. As tecnologias digitais e os processos de automação terão um papel cada vez maior na construção da vida pós-pandemia.

Os padrões ganharam destaque no nosso novo cotidiano. O grau de proteção da máscara e qual o tipo de máscara viraram assuntos correntes. O tipo de respirador e sua efetividade tornaram-se assuntos corriqueiros, onde surgem frequentemente perguntas como: seguem os padrões recomendados pela Organização Mundial da Saúde? A métrica do distanciamento social é objeto de cuidadosa análise. Nossa vida será cada vez mais balizada por padrões.

Os algoritmos, implementados por softwares, avançam em todas as áreas. A maior mudança induzida pela quarentena em nosso relacionamento com a tecnologia são as plataformas, que através de algoritmos permitem a comunicação via vídeos, sejam eles no WhatsApp, Zoom, Teams, Skype ou algo semelhante. Os aplicativos se multiplicam, adaptados para tempos de pandemia. Cada problema é uma oportunidade de negócio, uma chance de se reinventar alguma atividade e um convite para empreendedores desenvolverem soluções ora provisórias, ora mais inovadoras que as existentes. Tudo passa a ser comandado por algoritmos.

Estes três caminhos - protocolos, padrões e algoritmos - estão reconfigurando nossos cotidianos, nossas atividades profissionais e nossos modos de vida. A vida agora é, cada vez mais, parametrizada, de uma forma ou de outra. Nossa vida mudou, à nossa revelia, queiramos ou não, concordemos ou não. A tecnologia seguirá avançando independentemente de nossas mazelas. O resultado de tudo isso será a aceleração da automação da vida e da economia do país, com consequências que precisam ser discutidas pela sociedade.

O desafio maior é alinhar o avanço tecnológico ao combate às deficiências que ficaram expostas e visíveis durante a quarentena como as desigualdades sociais e as problemáticas urbanas. Precisamos repensar nossa noção de pertencimento. O interesse público e a solidariedade são valores que deveriam fazer parte da revolução digital que se acelerará no país. Ou não. Dependem de nossas escolhas.

Em um influente artigo publicado no Financial Times, a escritora indiana Arundhati Roy relembra que historicamente as pandemias forçaram os humanos a romper com o passado e imaginar o mundo

de novo. A situação atual não deve ser diferente. O coronavírus é um portal, uma travessia de um mundo para um outro. Podemos atravessá-lo e continuar presos às desigualdades, aos preconceitos, discriminações e descaso com a natureza. Ou podemos caminhar para os novos tempos, prontos para imaginar outro mundo. É a oportunidade para o grande recomeço.

Estão na ordem do dia três debates muito importantes para a modelagem de nossa nova realidade. O primeiro trata dos potenciais limites da liberdade de expressão nas redes - combate às práticas de discurso de ódio e suas consequências. O segundo foca no eventual trade-off entre segurança sanitária e direito a privacidade - relacionado com a questão do rastreamento. O terceiro é relacionado com as discussões e os protestos globais contra o racismo - humano e digital. Todos os três são diretamente afetados pela trilogia dos protocolos, padrões e algoritmos.

Estas são discussões modeladoras do nosso futuro, de como nos relacionaremos uns com os outros em sociedade. É nelas que precisamos nos concentrar, não nas falas obscurantistas e demagógicas que tem dominado o debate político recente.

Francisco Gaetani é professor e ex-presidente da Escola Nacional de Administração Pública (Ebape) e ex-secretário dos ministérios do Meio Ambiente e Planejamento

Virgilio Almeida é professor associado ao Berkman Klein Center da Universidade de Harvard, professor emérito da UFMG e ex-secretário de Política de Informática do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação.